



CONCEITOS DE BILINGUISMO EM DISCURSOS DA LINGUÍSTICA E DA SOCIOLINGÜÍSTICA: RELAÇÕES DE PODER, IMPLICAÇÕES POLÍTICAS E PROCESSOS IDENTITÁRIOS EM QUESTÃO

Laura Fortes¹

Introdução

*Fazer a língua funcionar é somente
jogar nas suas coerções e nas suas lacunas –
jogar nas latitudes que ela oferece.*
Françoise Gadet²

O interesse em questões relativas ao bilinguismo (inglês/português) no Brasil tem se intensificado nos últimos anos e produzido muitas pesquisas, principalmente nas áreas da Linguística Aplicada e da Educação, como podemos observar nos trabalhos de Carriker (1998), Corredato (2010), David (2007), Mello (2002) e Moura (2009), apenas para citar alguns.

Entendemos que esses estudos sejam de suma importância para o processo de mapeamento da estruturação do ensino bilíngue (especificamente inglês/português) no Brasil, trazendo discussões bastante pertinentes quanto às implicações pedagógicas, cognitivas, psicolinguísticas e sociolinguísticas envolvidas no processo de formação proposto nesse contexto.

Entretanto, em uma perspectiva discursiva, entendemos que esses estudos produzem e reproduzem conceitos de bilinguismo que estão ancorados a formações discursivas que organizam, regulam, estabilizam e legitimam sentidos sobre a aprendizagem de inglês/língua estrangeira por crianças em contextos de ensino bilíngue, os quais estão cada vez mais presentes em nossa sociedade. Uma pequena amostra dos efeitos produzidos pela circulação desses discursos pode ser observada nos sentidos de bilinguismo e de educação bilíngue ressignificados na mídia como um fenômeno muito “benéfico” e, na maioria dos casos, relatado com certo tom de “enaltecimento”, como podemos ver no quadro a seguir:

Título da matéria	Local de	Data
-------------------	----------	------

¹ Doutoranda do Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

² PÊCHEUX, M.; GADET, F. A língua inatingível. In: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni P.Orlandi. Campinas, Pontes, 2011. p. 105.

	publicação	
Fluência em um segundo idioma e acesso ao estudo no exterior atraem brasileiros para escolas bilíngues	Site do Jornal O Globo	24/01/2008
Brasileiros buscam educação bilíngue para os filhos	Site do jornal Gazeta do Povo	28/01/2008
Cresce procura por escolas bilíngues no País	Site do Jornal O Estado de São Paulo	22/01/2010
Crianças são matriculadas em escolas bilíngues cada vez mais cedo	Site do R7 Notícias	03/06/2010
Bebês têm aula de inglês antes mesmo de falar	Folha de São Paulo	12/06/2011

A possibilidade desse dizer está ancorada em uma memória, em uma história de processos de enunciação que tornam esses sentidos “naturais” e “evidentes”. Não nos deteremos na análise desses enunciados, pois não é esse nosso objetivo neste trabalho. Porém, eles servem de ilustração para iniciarmos a discussão principal à qual nos propusemos: a análise de diferentes concepções de bilinguismo produzidas por discursos (fundadores) da Linguística e da Sociolinguística.

Assim, procuraremos elaborar um dispositivo de análise que possibilite um olhar cuidadoso sobre a memória discursiva que constitui esse espaço de dizeres e saberes, tendo em vista iniciar uma reflexão sobre as formações discursivas predominantes nesse processo de formação de conceitos (FOUCAULT, 2004) e de posições para os sujeitos em sua relação com a(s) língua(s) – uma questão política.

Desse modo, essa análise passará necessariamente pelo estudo das representações e do desejo das/pelas línguas em contextos bilíngues, levando em conta as complexas relações (de poder) entre as línguas em sua exterioridade histórico-social. Procuraremos compreender que relações se estabelecem entre a “língua materna” e a “língua estrangeira” nesse espaço discursivo.

Diante do percurso de análise aqui proposto, seria impossível não considerar questões de identidade e de subjetividade que perpassam tais processos discursivos, uma vez que é sobre o sujeito que incidem tanto os efeitos da ideologia quanto os desejos do inconsciente.

Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. A interpelação do indivíduo em sujeito, pela ideologia, traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique. O efeito é então o da evidência do sentido (o sentido-lá), e a impressão do sujeito como origem do que diz. Efeitos que trabalham, ambos, a ilusão de transparência da linguagem. (ORLANDI, 1998, s.p.)

Tendo em vista essas considerações, procuraremos desenvolver uma reflexão sobre as posições de sujeito construídas pelas/nas diversas formações discursivas às quais o sujeito se identifica e (se) significa, colocando em funcionamento complexos processos identitários e, ao mesmo tempo, produzindo “evidências” de sentidos de bilinguismo/educação bilíngue.

1. A instauração de discursividades e a formação de conceitos

Para compreender o processo de formação dos conceitos em sua análise arqueológica, Foucault prioriza o estudo da “organização do campo de enunciados em que aparecem e circulam” (FOUCAULT, 2004, p. 62), considerando, assim, a exterioridade constitutiva dos processos discursivos. Segundo ele, essa *organização do campo enunciativo* pode ser pensada a partir de três formas: a) formas de *sucessão*, em que os enunciados se organizam em séries e entram em diversos tipos de correlação; b) formas de *coexistência* dos enunciados, que esquematizam um *campo de presença*, um *campo de concomitância* e um *domínio de memória*; c) procedimentos de *intervenção* que podem ser impostos sobre os enunciados.

Dentre essas formas de organização dos enunciados, destacaremos, em nossa análise dos conceitos de bilinguismo predominantes na Linguística e na Sociolinguística, as *formas de coexistência dos enunciados* em seu processo de delimitação de um *campo de presença*, definido por Foucault como

[...] todos os enunciados já formulados em alguma outra parte e que são retomados em um discurso a título de verdade admitida, de descrição exata, de raciocínio fundado ou de pressuposto necessário, e também os que são criticados, discutidos e julgados, assim como os que são rejeitados ou excluídos. (FOUCAULT, 2004, p. 63)

Assim, em nossa análise, esse *campo de presença* pode ser observado nos discursos concernentes ao ensino bilíngue, uma vez que colocam em circulação os conceitos de bilinguismo *instaurados discursivamente* (FOUCAULT, 2006) pela Linguística e pela Sociolinguística, áreas do conhecimento reconhecidas como ciência e, portanto, legitimadoras de tais conceitos.

Essa “verdade admitida” funciona no discurso como um efeito de evidência de sentidos que delinham, por exemplo, os limites entre as línguas, a ilusão de sua unidade e de sua completude, cuja desconstrução parece impossível, uma vez que “a organização do sentido é trabalho ideológico” (ORLANDI, 2001a, p. 7).

A formação desses conceitos funciona num espaço de *fundação de discursividade* (FOUCAULT, 2006), teorização que aproximamos à noção de *discurso fundador*, que traz o “efeito do novo, [produzindo] desse modo o efeito do familiar, do evidente, do que só pode ser assim” (ORLANDI, 2001a, p. 14).

O que o caracteriza como fundador [...] é que ele cria uma nova tradição, ele re-significa o que veio antes e institui aí uma memória outra. É um momento de significação importante, diferenciado. [...] Instala-se uma nova “filiação”. Esse dizer irrompe no processo significativo de tal modo que pelo seu próprio surgir produz sua “memória”. (ORLANDI, 2001a, p. 13)

Pensando em nosso *corpus* de pesquisa, a formulação e a organização dos enunciados não podem ser interpretadas como origem ou como essência dos conceitos apresentados e discutidos em pesquisas sobre bilinguismo e educação bilíngue, pois “há uma história na constituição dos sentidos” (ORLANDI, 2001a, p. 7), uma história que não cessa de significar nos processos discursivos pela/na memória que os constitui.

É essa história – que se traduz em *historicidade* quando entra na ordem do discurso constituindo o interdiscurso, a memória discursiva – que tentaremos delinear a partir da análise dos conceitos de bilinguismo gerados (transformados em saberes e) colocados em circulação pelos discursos da Linguística e da Sociolinguística em dois momentos distintos: primeiramente, analisaremos a clássica conceituação elaborada por Bloomfield (1933) e, em seguida, nos deteremos no estudo de algumas conceituações mais recentes propostas por García (2009).

1.1 Discursos da Linguística e produção de saberes sobre bilinguismo

No capítulo intitulado *Speech Communities* do livro *Language* (1933), Bloomfield conceitua diversos termos linguísticos, dentre os quais destacamos *native language*, *native speaker*, *foreign language* e *foreign speaker*. Esses termos são utilizados para determinar posições específicas delimitadas para os sujeitos segundo uma organização lógica e dicotômica em relação ao *uso da língua*. Essa determinação pode ser observada no trecho a seguir:

Some people entirely give up the use of their native language in favor of a foreign one. This happens frequently among immigrants in the United States. If the immigrant does not stay in a settlement of others from his own country, and especially if he marries outside his original nationality, he may have no occasion at all to use his native language. Especially, it would seem, in the case of less educated persons, this may result, after a time, in wholesale forgetting: people of this kind understand their native language when they chance to hear it spoken, but can no longer speak it freely or even intelligibly. They have made a *shift of language*; their only medium of communication is now English, and it is for them not a native but an *adopted* language. Sometimes these persons have nevertheless acquired English very imperfectly and therefore are in the position of speaking no language well. (BLOOMFIELD, 1933, p. 55. Grifos do autor).

O termo *shift of language* implica uma ação, uma decisão do sujeito-falante para escolher a língua que “usará” num processo totalmente consciente, podendo até vir a “esquecer” a língua “nativa”. A língua estrangeira, por sua vez, é interpretada como uma língua que será “adotada” pelo falante (uma língua “adotiva”), ou seja, é tida como algo que não lhe pertence, mas do qual deverá se apropriar e dominar, buscando sempre a “perfeição” do “falante nativo”.

Filiando-se ao discurso da linguística estruturalista e às teorizações do behaviorismo, Bloomfield define bilinguismo a partir dessa noção de *shift of language*, que, como dissemos, implica um sujeito cuja posição encontra-se determinada pela proficiência máxima no idioma, medida pelos parâmetros da produção linguística do “falante nativo”.

In the extreme case of foreign-language learning the speaker becomes so proficient as to be indistinguishable from the native speakers around him. This happens occasionally in adult shifts of language and frequently in the childhood shift just described. In the cases where this perfect foreign language learning is not accompanied by loss of the native language, it results in *bilingualism*, native-like control of two languages. After early childhood few people have enough muscular and nervous freedom or enough opportunity and leisure to reach perfection in a foreign language; yet bilingualism of this kind is commoner than one might suppose, both in cases like those of our immigrants and as a result of travel, foreign study, or similar association. (BLOOMFIELD, 1933, p. 55, 56. Grifos do autor).

Nesse enunciado, o processo de aquisição da língua estrangeira é interpretado a partir da seguinte relação lógica:

Proficiência na língua estrangeira ----- falante nativo ----- perfeição

Esses conceitos são apresentados de forma absoluta, como um *pressuposto necessário* (FOUCAULT, 2004, p. 63) imposto ao sujeito para alcançar um objetivo bastante claro e sem conflitos: uma aprendizagem da língua estrangeira que não implique o “esquecimento”/ “perda” da “língua nativa”, mas que se iguale ao nível de “perfeição”, i.e., nível de proficiência, estabelecido por ela. Podemos compreender esse enunciado

funcionando discursivamente sob o prisma de um processo que Pêcheux batizou de *homogeneidade lógica*, uma necessidade do *sujeito pragmático* (2002, p. 33), cuja posição impõe um controle sobre duas línguas que se tornam “suas”, que deverão ser “utilizadas” por ele com “destreza” e “perfeição”. Ao reduzir as línguas a essa função pragmática da comunicação, esse funcionamento discursivo acaba por excluir o sujeito dessas línguas, uma vez que, na posição de sujeito pragmático, não há lugar para sua *inscrição*³ na língua e, assim, “o idioma é tratado como um produto que funciona fora do sujeito, não fazendo parte de sua constituição identitária” (SIQUEIRA, 2009, p. 50).

Nesse enunciado, o conceito de *proficiência* (lugar de “êxito completo” na produção linguística) funciona em uma relação de proporcionalidade inversa ao desenvolvimento biológico do sujeito, ou seja, a proficiência bilíngue é mais facilmente alcançada no começo da infância. Essa concepção de aprendizagem pode ser articulada a sentidos legitimadores que giram em torno da imagem de *infallibilidade* construída sobre o falante nativo, que “seria o falante ideal, ou seja, aquele com uma proficiência única e estável” (SIQUEIRA, 2009, p. 16).

Nesse funcionamento discursivo, os enunciados *coexistem* (FOUCAULT, 2004), construindo uma trama de relações entre os sentidos em torno do conceito de bilinguismo, que podem ser vistos esquematicamente da seguinte forma:

Monolinguismo	Bilinguismo
proficiência em uma língua	proficiência em duas línguas
língua nativa (absoluta)	língua nativa (absoluta) + língua estrangeira (= língua nativa)
falante nativo (absoluto)	falante nativo (absoluto) + falante estrangeiro (= falante nativo)

Como apontamos, a relação que se estabelece entre as questões linguísticas definidas por Bloomfield (1933) pode nos dar indícios do funcionamento de representações sobre bilinguismo ancoradas na lógica da estrutura da unidade e completude, tanto da língua quanto do sujeito, cuja posição de controle que lhe é imposta evoca apenas processos conscientes diante do contato com a(s) língua(s).

1.2 Discursos da Sociolinguística e produção de saberes sobre bilinguismo

Na perspectiva discursiva que adotamos nesta análise, tais representações não são estanques. Elas constituem o processo de coexistência de enunciados construindo um *campo*

³ Cf.: Serrani-Infante, 1997, p. 66.

de presença (FOUCAULT, 2004) sobre sentidos de bilinguismo ao serem evocados, retomados, discutidos, julgados, comentados, reformulados por autores filiados à Linguística e à Sociolinguística.

Tendo em vista esse processo de constituição de sentidos, selecionamos algumas definições de bilinguismo do livro *Bilingual Education in the 21st century* (García, 2009) a fim de analisar de que modo esse conceito reaparece no campo da Sociolinguística articulando-se a outros enunciados e produzindo efeitos nos processos de subjetivação imbricados em possíveis novas posições de sujeito.

Enquanto delineamos em Bloomfield (1933) o funcionamento predominante de uma formação discursiva filiada à linguística estrutural, organizada segundo relações binárias entre as designações e logicamente estabilizadas na direção de uma conceitualização homogênea, em García (2009), o processo de conceitualização parece funcionar em um espaço discursivo que produz um efeito de evidência da “pluralidade”, indicando uma filiação aos discursos da sociolinguística colocados em circulação a partir da década de 1960.

[...] [A] bilingual is a person that “languages” differently and that has diverse and unequal experiences with each of the two languages. Since the emergence in 1960 of the field of sociolinguistics, that is, of the study of language and language use varies in different social contexts and because of the various social characteristics of interlocutors, the concept of bilingualism itself has been extended beyond the traditional “balanced” conception of the bicycle with two perfectly round wheels. (GARCÍA, 2009, p. 44, 45)

Nessas condições de produção, o conceito de bilinguismo produz-se num movimento de contraposição ao discurso da linguística estrutural, demarcando um território epistemológico que busca renunciar sentidos previamente estabelecidos numa tradição estruturalista.

Bilingualism, according to Baker (2001)⁴, is the ability to use more than one language. Early scholars of bilingualism, especially Bloomfield (1933), only considered native-like control of two languages as a sign of bilingualism. But later scholars such as Einar Haugen and Uriel Weinreich, had much broader definitions of bilingualism, perhaps because as bilinguals themselves they were aware of its complexity, and they had worked in immigrant U.S. contexts where different forms of bilingualism were common. Haugen (1953)⁵ considered even minimum proficiency in two languages a sign of bilingualism. Weinreich (1953)⁶ labeled someone who alternated between the two languages as a bilingual. Diebold (1964)⁷ speaks of “incipient bilingualism” to designate those who are at the very beginnings of acquiring

⁴ BAKER, C. **Foundations of bilingual education and bilingualism**. 3rd ed. Multilingual Matters, Clevedon. 2001.

⁵ HAUGEN, E. **The Norwegian language in America: a study in bilingual behavior**. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, PA, 1953.

⁶ WEINREICH, U. **Languages in contact, findings and problems**. Linguistic Circle of New York, 1953.

⁷ DIEBOLD, A. R. Incipient bilingualism. In: HYMES, D. (ed.) **Language in culture and society**. Harper and Row, New York, 1964. p. 495-511.

some competence in another language, thereby providing a minimalist definition of bilingualism. (GARCÍA, 2009, p. 44)

Nessa sequência discursiva, observamos que a organização dos enunciados que retomam definições de bilinguismo funciona num movimento de contraste entre uma visão “tradicional”, pautada em “conceituações lineares”, e uma visão mais “ampla”, supostamente capaz de dar conta da “complexidade” das diferentes “situações de uso” das línguas em diferentes “contextos sociais”. Entretanto, os significantes *proficiência* e *competência* continuam constituindo o *campo de presença* em torno do conceito de bilinguismo, produzindo efeitos de evidência nesses enunciados.

Assim, os sentidos em torno da conceituação de bilinguismo parecem estar ancorados em formações discursivas da Sociolinguística, dentre os quais destacamos: “*languaging*”, “*translanguaging*”, *plurilinguismo*, *multilinguismo*, *multimodalidade* e *heteroglossia*. Nos enunciados estudados neste trabalho, observamos que tais conceitos *coexistem* com conceituações linguísticas filiadas a discursos estruturalistas – formulados como “tradicional” – em uma relação de *anteposição*, de *negação*.

A more heteroglossic conception of bilingualism recognizes its adjustments as it shifts and bounces. Bilingualism is not simply linear but dynamic, drawing from the different contexts in which it develops and functions. More than ever, categories such as first language (L1) and second language (L2), base and guest languages, host and borrowing languages, are not in any way useful [...], because the world’s globalization is increasingly calling on people to interact with others in ways that defy traditional categories. In the linguistic complexity of the twenty-first century, bilingualism involves a much more dynamic cycle where language practices are multiple and ever adjusting to the multilingual multimodal terrain of the communicative act. [...] For us, this model of dynamic bilingualism is closely related to the concept of plurilinguism [...]. (GARCÍA, 2009, p. 53, 54).

Nesse processo discursivo, a formação do conceito de bilinguismo configura-se em uma caracterização das práticas languageiras produzidas na “complexidade” e no “dinamismo da globalização”, funcionando na evidência dessa discursividade como termos *homogeneizantes* absolutos e inerentes à sociedade contemporânea.

Desse modo, o modelo “dinâmico” de bilinguismo constitui um lugar de possibilidade de existência de “variadas formas de uso da linguagem”, mas, assim como nos discursos do estruturalismo, não concebem as línguas como discursividades nas quais o sujeito deverá inscrever-se para ocupar novas posições de enunciação.

Atentemos também para o funcionamento discursivo do significante “globalização” neste enunciado, que produz um efeito de evidência que evoca os “benefícios” de uma comunicação “com o mundo” (PAYER, 2005), apagando a dimensão do político e do ideológico que constituem a(s) língua(s) na/pela história e pelo/no sujeito. Os diferentes modos de “interação” aos quais os sujeitos são convocados pela “globalização” nada mais

são do que construções ideológicas específicas, funcionando nas complexas malhas das relações de poder em jogo nas diversas organizações sociais – predominantemente a sociedade de mercado – nas quais os sujeitos estão engajados.

Se, com o Estado/Nação as noções que mobilizamos são de língua oficial, língua nacional e com cidadania, na sociedade de mercado, falamos em usuários, em múltiplas línguas (multilinguismo), em falares, em dialetos, em multiculturalismo, em comunidades (e não sociedade). [...] E, como é próprio do sociologismo, esse discurso do multiculturalismo/multilinguismo – que, enganosamente aparecem como se recobrimo quando na realidade a relação língua/cultura tem outra complexidade – ao se mostrar como uma forma de defesa das minorias, acaba por sustentar na verdade o domínio da língua trans-nacional. A partir desse jogo, a contradição com que nos defrontamos não é mais local/nacional mas histórico/universal.” (ORLANDI, 2007, p. 61)

A discussão empreendida por Orlandi (2007) parte de uma reflexão desenvolvida por Pêcheux e Gadet (1998) sobre duas “vias” (formações discursivas) predominantes no campo da linguística: o *logicismo* e o *sociologismo*. Ambas perspectivas constituem “formas de denegação do político” (ORLANDI, 2007, p. 57): enquanto o logicismo produz a evidência da unidade e da transparência do sistema linguístico, o sociologismo sustenta o imaginário da relação língua/cultura na diversidade, apagando as relações de poder produzidas nas contradições histórico-ideológicas de dizeres (im)possibilitados nos processos de formação das sociedades.

Desse modo, as conceitualizações que destacamos anteriormente, notadamente prefixadas por *multi*, *hetero* e *trans*, funcionam no imaginário social como “plurais”, “democráticas” e “abrangentes”, sustentam uma teorização de bilinguismo que contempla esse espaço de “diversidade” cultural e linguística. Entretanto, elas produzem representações sobre as línguas que giram em torno da neutralidade e da abstração, destituindo-as de suas especificidades políticas, ideológicas e históricas, e, conseqüentemente, apagando as relações de poder entre as línguas e a constituição identitária – enquanto *alteridade* – dos sujeitos submetidos⁸ a elas.

2. Bilinguismo(s) nas tramas da subjetividade: entre a representação e o desejo da língua

A análise dos conceitos de bilinguismo que apresentamos neste trabalho tem apontado para uma compreensão do funcionamento da língua(gem) enquanto discurso, enquanto tensão constante entre a *estrutura* que ela comporta e o *acontecimento*

⁸ Segundo Orlandi (2001b, 100), “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história.”

(PÊCHEUX, 2002) que ela suscita em determinadas condições histórico-ideológicas. Nessa perspectiva, a estrutura não se resume a um sistema lógico de regras, mas pode ser aproximada da ideia de uma materialidade relativamente autônoma (HENRY, 1992); e o acontecimento não se reduz a um contexto social ou a uma situação comunicativa, mas pode ser pensado como a dimensão do político e, portanto, um lugar de interpretação e de subjetivação em que trabalham, ao mesmo tempo, ideologia e inconsciente.

[A] autonomia relativa da língua é o fundamento da relação entre sujeito e desejo assim como entre sujeito e ideologia, mesmo se essas duas dimensões do sujeito, enquanto efeito material, são irredutíveis uma à outra. O sujeito é sempre, e ao mesmo tempo, sujeito à ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação. (HENRY, 1992, p. 188, 189)

Entretanto, "os estudos sobre o bilinguismo assim como sobre o ensino-aprendizagem de línguas têm se pautado, em geral, na concepção de língua enquanto instrumento de comunicação entre falantes." (CORACINI, 1997, p. 159). Desse modo, a relação sujeito-língua (tão cara a estudiosos do discurso como Paul Henry) é significada a partir de uma lógica da consciência-comunicação, ou seja, o sujeito é completamente responsável pelo seu ato enunciativo, que, por sua vez, se configura pelo contexto social/afetivo imediato da produção linguística. O sujeito, então, é convocado a assumir uma posição de controle total sobre suas intenções e emoções no processo de uso da língua, reduzido à "interação comunicacional".

Os enunciados a seguir ilustram posições de sujeito que são construídas a partir de sua relação com as formações discursivas e ideológicas que estamos tentando delinear neste trabalho:

Studies have shown that the language use of bilinguals responds to their communicative and affective intent, as well as to the situation and the interlocutor. (GARCÍA, 2009, p. 46)

It is true, however, that bilinguals usually have differentiated use and competence in the languages in which they translanguage, having had exposure to various language practices. Sometimes, this differentiated use and competence has to do with personal preference. (GARCÍA, 2009, p. 48)

A partir desses enunciados, destacamos algumas evidências que sustentam um imaginário que gira em torno de conceitos de bilinguismo:

- a evidência da unidade da(s) língua(s) em um sistema logicamente estabilizado;
- a evidência do utilitarismo da(s) língua(s), via comunicação, significada aqui como plenitude de expressão do pensamento do sujeito;

- a evidência da unidade/centralidade do sujeito, que se constitui numa identidade unívoca;
- a evidência da cognoscibilidade do sujeito a respeito de seu domínio sobre a(s) língua(s), tanto sobre seu sistema quanto sobre seu uso.

Produzidas ideologicamente, tais evidências não são estanques; elas trabalham incessantemente para construir representações de bilinguismo (e de outros processos que envolvem o ensino e a aprendizagem de línguas) no imaginário social.

Assim, partindo da reflexão de Henry (1992), podemos abordar a questão do bilinguismo a partir da relação que o sujeito estabelece com a(s) língua(s) tanto por meio das *representações*, quanto por meio do *desejo*. Desse modo, o sujeito “clivado e heterogêneo na sua estrutura” (GRIGOLETTO, 2006, p. 18) se constitui identitariamente a partir das representações sobre a língua(gem) produzidas no imaginário social, ou seja, o sujeito é interpelado ideologicamente no processo de produção de sentidos sobre a(s) língua(s), significando(-se) na ilusão de evidência e de literalidade. Ao mesmo tempo, o sujeito é perpassado pelo inconsciente, cuja singularidade produz o desejo que o mobiliza para incessantemente inscrever-se na língua(gem) – único caminho para a entrada no simbólico e, contraditoriamente, para a alienação do sujeito.

Embora considerada, em geral, inócua e puramente utilitária por natureza, a linguagem traz com ela uma forma fundamental de alienação que é um aspecto essencial da aprendizagem da língua materna do indivíduo. A própria expressão que usamos para falar a respeito dela – “língua materna” – é indicativa do fato de que é a língua de algum Outro antes, a língua do Outro materno, isto é, a linguagem da mãeOutro [mOther], e ao falar da experiência da infância, Lacan, muitas vezes, como que iguala o Outro à mãe. (FINK, 1998, p. 23, 24).

Não se trata, portanto, de simplesmente definir e classificar a(s) língua(s) em categorias estanques e absolutas como “materna” e “estrangeira” relacionado-as a momentos lineares de aprendizagem de diferentes sistemas linguísticos, mas de considerar a língua(gem) como um lugar de *experiência de alteridade* (BAGHIN, 2001, p. 104), i.e., lugar de encontro com o outro – e com projeções imaginárias desse outro –, produzindo heterogeneidades no próprio gesto de significação. Assim, “aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro”. (REVUZ, 1998, p. 227).

Nessa perspectiva, importa deslocar a ideia de língua como território e como propriedade, procurando instaurar um gesto de interpretação que nos aproxime da heterogeneidade constitutiva de toda língua (AUTHIER-REVUZ, 2004) e da alteridade do sujeito *fal(t)ante* (ECKERT-HOFF, 2011, p. 183), manifesta no próprio ato de enunciar/significar-se por meio do outro – o outro da linguagem, o outro da(s) língua(s).

[...] qualquer pessoa poderá declarar sob juramento: eu não tenho senão uma língua e ela não é minha, a minha "própria" língua é-me uma língua inassimilável. A minha língua, a única que me ouço falar e me ouço a falar, é a língua do outro. (DERRIDA, 2001, p. 39).

Pensar a *alteridade constitutiva do sujeito* e a *heterogeneidade constitutiva da língua* contribui para o trabalho de desconstrução, portanto, da evidência do sentido de unidade e completude tanto da língua quanto do sujeito, evidência tal que, como indicamos na análise, embasa os conceitos de bilinguismo produzidos pela Linguística e pela Sociolinguística.

O gesto de interpretação (ORLANDI, 1996) empreendido na análise discursiva desses conceitos vem deslocar nosso olhar dessa evidência, configurando um novo espaço de possibilidade de dizer(es) que nos permite afirmar que "toda língua é tão bilíngue em si mesma, tão multilíngue em si mesma, que se pode ser estrangeiro até mesmo na própria língua" (ECKERT-HOFF, 2011, p. 182). Tal estrangeiridade não está acessível ao sujeito pleno do eu na dimensão do imaginário, não podendo ser mensurada nem controlada. Porém, é o que constitui o desejo do sujeito, mobilizando (não) sentidos que constituem sua (sempre outra) identidade.

3. Considerações Finais

O percurso deste trabalho nos direcionou para uma reflexão importante sobre a constituição de um espaço de memória – notadamente pelos/nos discursos da Linguística e da Sociolinguística – que sustenta os sentidos de bilinguismo que circulam em nossa sociedade. Na perspectiva discursiva que adotamos, concebemos esse espaço de memória como "necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos" (PÊCHEUX, 1999, p. 56).

A análise dos enunciados selecionados trouxe alguns indícios desse lugar de produção, reprodução e de circulação de sentidos evocados pelo significante *bilinguismo*, tomado aqui como um conceito. Para fundamentar nossa análise, mobilizamos as noções de instauração de discursividade (FOUCAULT, 2004) e de discurso fundador (ORLANDI, 1990), que contribuíram para a compreensão dos processos de filiação de sentidos envolvidos na formação de conceitos de bilinguismo.

Em nosso dispositivo analítico, interpretamos os conceitos de bilinguismo filiados à Linguística como mobilizadores de evidências de termos como *língua nativa*, *falante nativo* e *(não-)proficiência*, funcionando segundo relações logicamente estabilizadas e homogeneizantes, constituindo uma posição utilitarista para o sujeito diante da(s) língua(s).

Em contrapartida, interpretamos os conceitos de bilinguismo filiados a discursos da Sociolinguística como constituídos pela negação de binarismos pro(im)postos pela Linguística, colocando em circulação termos como *diversidade* e *multilinguismo*. Assim, o bilinguismo é visto como um processo *dinâmico*, produzindo uma posição para o sujeito em que ele deve se engajar em diversas práticas de linguagem (tidas nesse discurso como “uso da língua”) para uma comunicação cada vez mais eficaz com o mundo globalizado.

No decorrer da análise, refletimos sobre a discussão de Gadet e Pêcheux (1998), na qual propõem uma visão discursiva da língua para nos deslocarmos dos sentidos impostos pela oposição logicismo/sociologismo da linguística. O estudo dos enunciados sobre bilinguismo contribuiu para a compreensão dessa oposição em que “a tendência logicista nega a política falando aparentemente de outra coisa, enquanto a tendência sociologista recalca a política falando ou acreditando falar dela.” (GADET; PÊCHEUX, 1998, s.p.).

Diante da análise dessas “tendências” nos processos discursivos aos quais nos dedicamos neste artigo, restam duas questões que poderão dar início a novas reflexões, se considerarmos as especificidades do funcionamento discursivo do bilinguismo no atual sistema de educação no Brasil.

A primeira questão concerne à nossa observação inicial de que os conceitos de bilinguismo aqui estudados (produzidos majoritariamente na Linguística e na Sociolinguística) constituem o imaginário social que predomina em diversos discursos sobre educação bilíngue (português/inglês) no Brasil, notadamente na mídia e no “senso comum”, em que a aprendizagem da língua inglesa pela criança é concebida como um “benefício”, uma vez que será adquirida *como uma língua materna*. Nesse discurso, a criança aprende o idioma “sem sotaque” (i.e., não há “interferência” da língua portuguesa) e o processo de aprendizagem é visto como algo mais “natural”. Temos indícios de que esses mesmos conceitos também circulam nos (escassos) documentos que legislam sobre o funcionamento das escolas bilíngues e, possivelmente, também em documentos que regulam a organização pedagógica nessas escolas, tais como programas e currículos.

A segunda questão tange às relações entre o português e o inglês – principalmente pensados em seus sentidos de *língua nacional* e *língua transnacional*, respectivamente – tanto nos discursos acadêmicos sobre bilinguismo/educação bilíngue, quanto em discursos oficiais e institucionais referentes a esse tipo de ensino. Em análise anterior (FORTES, 2008), analisamos essas relações tendo em vista a formação discursiva do *inglês como língua internacional*, baseando-nos nas teorizações de Pennycook (1994). Porém, existem outros processos de “internacionalização” da língua inglesa em funcionamento nas instituições educacionais bilíngues (português/inglês) no Brasil que precisam ser estudados.

Os deslocamentos produzidos pela análise desses discursos poderão possibilitar a desconstrução de algumas das evidências que constituem nossa subjetividade em relação à(s) língua(s) e aos saberes e poderes imbricados nessa relação. Se pudermos nos deslocar, ao menos por um instante, da ilusão da unidade e da propriedade da(s) língua(s), poderemos então compreender que somos constituídos por muitas línguas e, que, portanto, o monolingüismo é uma *impossibilidade* e a língua materna é uma *promessa eterna*⁹.

4. Referências

AUTHIER-REVUZ, J. "Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso". Trad. Alda Scher e Elsa Maria Nitsche Ortiz. In AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

BAGHIN, D. Em inglês ou em português? In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n.6, Campinas: Pontes, 2001.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Henry Holt. 1933.

CARRIKER, M. K. **(Re)construção de identidades em narrativas na primeira pessoa: casos de bilíngües**. 1998. 173p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem. Unicamp. 1998.

CORACINI, M. J. R. F. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. In **Letras & Letras**, Uberlândia, jul./dez., n. 14 (1), p.153-169, 1997.

CORREDATO, V. D. **O Ensino Bilíngue em São Paulo: práticas de imersão em um contexto monolíngue**. Monografia (especialização). Anhanguera Educacional, 2010.

DAVID, A. M. F. **As concepções de ensino-aprendizagem do projeto político-pedagógico de uma escola de educação bilíngue**. Dissertação de Mestrado. Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem. PUC São Paulo. 2007.

DERRIDA, J. **O monolingüismo do outro: ou a prótese da origem**. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.

ECKERT-HOFF, "Sujeitos entre-línguas, entre-culturas em contextos de imigração no sul do Brasil: uma questão de bilingüismo? In: UYENO, E. Y.; CAVALLARI, J. **Bilingüismos: subjetivação e identificações nas/pelas línguas maternas e estrangeiras**. Campinas: Pontes, 2011. p. 177-193.

FINK, B. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Trad. Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

⁹ Cf.: Derrida (2001) e Uyeno (2003).

FORTES, L. **Sentidos de "erro" no dizer de professores de inglês/língua estrangeira:** uma reflexão sobre representações e práticas pedagógicas. 2008. 176p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

_____. O que é um autor? In: **Ditos e escritos III** - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 264-298.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. Há uma via para a linguística fora do logicismo e do sociologismo? Trad. Eni P. Orlandi. In **Escritos 3.** Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb - Nudetri – Unicamp). 1998.

GARCÍA, O. **Bilingual education in the 21st century:** a global perspective. Hong Kong: Wiley-Blackwell, 2009.

GRIGOLETTO, M. Leituras sobre a identidade: contingência, negatividade e invenção. In MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO, M.; CORACINI, M. J. (Orgs.) **Práticas identitárias:** língua e discurso. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 15-26.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita: Língua, sujeito e discurso.** Trad. Maria Fausta P. de Castro. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

MELLO, H. A. B. **"O português é uma alavanca para que eles possam desenvolver o inglês":** eventos de ensino-aprendizagem em uma sala de aula de ESL de uma "escola bilíngue". Tese de doutoramento. IEL/Unicamp, 2002.

MOURA, S. de A. **Com quantas línguas se faz um país?** Concepções e práticas de ensino em uma sala de aula na educação bilíngue. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

ORLANDI, E. P. **Interpretação e autoria:** leitura e efeitos do trabalho simbólico. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1996.

_____. "O Próprio da Análise de Discurso". In: **Escritos:** discurso e política LABEURB/Unicamp, Campinas, n. 3, 1998.

_____. (Org.) **Discurso fundador:** a formação do país e a construção da identidade nacional. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001a.

_____. **Discurso e texto:** formação e circulação de sentidos. Campinas: Pontes, 2001b.

_____. "Teorias da linguagem e discurso do multilinguismo na contemporaneidade". In: **Política linguística no Brasil.** Campinas, Pontes, 2007. p. 53-62.

PAYER, M. O. Linguagem e sociedade contemporânea: sujeito, mídia, mercado. **Revista Rua,** Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp, n. 11, p. 9-25, mar. 2005.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. [et. al.]. **Papel da memória**. Trad. Introdução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento? Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PENNYCOOK, A. **The cultural politics of English as an International Language**. London; New York: Longman, 1994.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org.) **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p. 213-230.

SERRANI-INFANTE, S. M. Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. **DELTA**. v.13, n.1, p. 63-81. Fev. 1997.

SIQUEIRA, A. P. B. L. **Representações de proficiência e a construção do inglês como língua necessária na pós-graduação**. 113 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

UYENO, E. Y. Determinações identitárias do bilinguismo: a eterna promessa da língua materna. In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.) **Identidade e discurso**: (des)construindo subjetividades. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003. p. 83-118.